

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES

KARINE DOS REIS RODRIGUES

**Samba de moça: Um olhar feminista e negro no samba carioca aplicado
em revista**

Rio de Janeiro
2023

KARINE DOS REIS RODRIGUES

Samba de moça: Um olhar feminista e negro no samba carioca aplicado em revista

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Visual Design.

Orientação: Fernanda de Abreu Cardoso.

Rio de Janeiro

2023

KARINE DOS REIS RODRIGUES

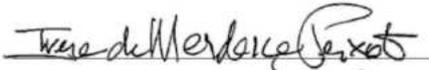
**Samba de moça: um olhar feminista e negro no
samba carioca aplicado em revista**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Escola de Belas Artes da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Visual Design.

Aprovado em: 15/12/2023

Documento assinado digitalmente
 FERNANDA DE ABREU CARDOSO
Data: 04/01/2024 11:39:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Fernanda de Abreu Cardoso
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro



Irene de Mendonça Peixoto
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro



Marina Siritto de Vives Carneiro
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

CIP - Catalogação na Publicação

dos Reis Rodrigues, Karine
d696s Samba de moça: Um olhar feminista e negro no
samba carioca aplicado em revista / Karine dos Reis
Rodrigues. -- Rio de Janeiro, 2023.
50 f.

Orientadora: Fernanda de Abreu Cardoso.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,
2023.

1. Design de Revista. 2. Roda de Samba. 3.
Sambistas negras. 4. Feminismo negro. 5. Design
aplicado em revista. I. de Abreu Cardoso, Fernanda
, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

RESUMO

Este trabalho se propõe a mostrar uma identidade visual contemporânea, unindo design e a cultura negra do samba aliada à luta do feminismo negro, aplicada em revista abordando as cantoras negras de samba que se destacam na região metropolitana do Rio de Janeiro. Sendo a revista nomeada Samba de moça, as histórias destas cantoras nos ajudam a compreender melhor como a cultura negra de resistência do Rio de Janeiro se manifestou através das rodas de samba através do tempo como espaços de identificação ancestral e de resistência contra o racismo e a discriminação contra a mulher.

Gostaríamos de destacar através desta pesquisa e aplicação em revista a luta do feminismo negro, principalmente nas rodas de samba, além de ter o samba como arte de expressão negra, que ajuda a amplificar as vozes dessas mulheres que fazem arte, mas sem deixar de mostrar o quanto ainda é preciso valorizar a cultura negra na região metropolitana do Rio.

Palavras-chave: Roda de Samba, Feminismo negro, Design de Revista, Sambistas negras.

ABSTRACT

This work is intended to show a contemporary visual identity, linking design and the black culture of samba with the movement of black feminism, applied to a magazine focusing on black samba singers who are popular in the main metropolitan region of Rio de Janeiro. Since the magazine is entitled Samba de Moça, the stories of these singers help us to better understand how Rio de Janeiro's black culture of resistance has manifested itself through rodas de samba over the years, as spaces of ancestral identification and resistance against racism and discrimination against women. We would like to emphasize through this research and the application in the magazine of the black feminist movement, particularly in the rodas de samba, as well as having samba as an art of black expression, which helps to amplify the voices of these women who create art, but without forgetting to show how much black culture still needs to be valued in the metropolitan region of Rio.

Keywords: Roda de Samba, Black feminism, Magazine design, samba black singers.

Lista de figuras:

Figura 1 - Capa da primeira edição	34
Figura 2 - Capa da segunda edição	35
Figura 3 - Primeira colagem	36
Figura 4 - Paleta cromática	37
Figura 5 - Tipografia auxiliar	37
Figura 6 - Tipografia principal	38
Figura 7 - Grid	39
Figura 8 - Segunda colagem	40
Figura 9 - Terceira colagem	41
Figura 10 - Quarta colagem	41
Figura 11 - Mockup da revista	42
Figura 12 - Mockup da revista	43
Figura 13 - Mockup da revista	43
Figura 14 - Mockup da revista	44
Figura 15 - Mockup da revista	44
Figura 16 - Mockup da revista	45
Figura 17 - Mockup da revista	45
Figura 18 - Mockup da revista	46
Figura 19 - Mockup da revista	46
Figura 20 - Mockup da revista	47

Sumário

Introdução	9
2. Breve histórico da cultura negra no Brasil	11
2.1. O apagamento e as perseguições às manifestações culturais do povo preto	15
2.2. As cantoras negras no samba em destaque na região metropolitana	18
3. Feminismo negro: a ressignificação da identidade	21
4. Revista como expressão gráfica	30
5. O Projeto	31
5.1 Escolha do projeto	31
5.2 Escolha de fotos e montagem de editorial de revista	31
5.3 Definição da proposta	31
5.4 Pesquisa de referências	32
5.5 Definição de conteúdos	32
5.6 Naming	32
5.7 Criação de projeto gráfico da revista: fotografias escolhidas, tipografia, paleta de Cores	33
6. Conclusão	47
7. Referências	48

1. Introdução

Neste trabalho vamos analisar, a partir de um ponto de vista histórico, o samba enquanto formação do agrupamento do povo negro no Rio de Janeiro e também como manifestação e resistência da cultura preta, tendo as mulheres como ponto essencial e com posições estratégicas dentro dos barracões e terreiros de samba. Neste trabalho elas ocupam lugares como vocalistas, compositoras, dançarinas entre outros, tirando um pouco de foco a objetificação tão frequente das mulheres negras, pois elas encontraram e seguem encontrando um espaço em que podem contribuir para a sociedade. São lugares que valorizam a mulher negra desde que deixaram de ser escravas em fazendas de café, e continuam respeitando e valorizando a sua história e bagagem na sociedade.

Vamos valorizar o papel das mulheres dentro desse contexto histórico e contemporâneo do samba na região metropolitana do Rio de Janeiro, em especial aquelas que são destaque hoje em dia, através do desenvolvimento de uma revista. Pretendemos criar uma identidade visual comum a esse grupo de mulheres, deixando que o design auxilie na expressão de sua identidade enquanto um grupo e enquanto forma de expressão de sua ancestralidade e seu lugar dentro da área metropolitana do Rio de Janeiro. Queremos construir o design da revista como partícipe da identidade feminina negra na comunidade sambista carioca, valorizando a mulher deste grupo. A importância dessas mulheres e do espaço feminino dentro do samba sempre ajudou a mulher negra a se destacar dentro da comunidade e sociedade, auxiliando a diminuir essa objetificação da mulher negra, os preconceitos e a discriminação.

A construção da identidade visual através da composição das imagens, cores e padrões estão presentes para refletir a identidade da mulher negra contemporânea no samba, aplicando-a a uma revista. A escolha das cantoras de samba é baseada em como o samba é um meio influente de manifestação artística do negro no Rio de Janeiro. Nossos objetivos dentro desse trabalho são mostrar a importância das cantoras negras e de destaque no samba da região metropolitana do Rio de Janeiro, pois através da revista estas mulheres terão sua importância ressaltada, assim como sua identidade e dignidade frente a uma

sociedade preconceituosa nos dias atuais. Vamos demonstrar através da revista as pautas importantes da contemporaneidade por meio das cantoras de samba negras.

2. Breve histórico da cultura negra no Brasil

É necessário afirmar que a chegada dos negros no Brasil se deu por meio de escravos trazidos em navios negreiros, oriundos de diversas regiões da África. Eles eram capturados nas terras onde viviam na África e trazidos à força para a América, em grandes navios em condições miseráveis e desumanas. Muitos morriam durante a longa viagem através do oceano Atlântico, vítimas de doenças, de maus tratos e da fome.

Os escravos que sobreviviam a essa travessia, ao chegarem ao Brasil, eram logo separados e misturados com outros de outras regiões para que não tivessem qualquer tipo de comunicação entre si. Seu papel daquele momento em diante era o de servir de mão-de-obra, fazendo tudo o que lhes fosse ordenado, sob pena de castigos. Além de terem sido trazidos de sua terra natal, de não terem nenhum direito, os escravos tinham que conviver com a violência e a humilhação. Os escravos se tornaram mão-de-obra fundamental nas plantações de cana de açúcar, algodão, entre outras.

O tráfico foi responsável pelo arrebatamento de milhões de homens e mulheres de suas nações na África para serem escravizados na América, especialmente terras brasileiras. Essa atividade comercial, via Oceano Atlântico, foi um grande investimento econômico e cultural do capitalismo europeu, que marcou a formação do mundo moderno e a criação de um novo sistema econômico mundial. (LEITE, 2017, p.64)

O Brasil envolveu-se plenamente nessa trágica aventura da escravidão. Presume-se que tenham sido trazidos forçadamente para o nosso país cerca de 40% dos africanos vitimados pela escravidão moderna. Foram eles e seus descendentes que constituíram a quase total força de trabalho existente durante os mais de trezentos anos em que vigorou a instituição escravocrata brasileira. Assim, a escravidão acabou por penetrar todos os aspectos da sociedade brasileira durante esse período. Os afro-brasileiros deram vida e fizeram movimentar “engenhos, fazendas, minas plantações, fábricas, cozinhas e salões” (REIS e GOMES, 1996, p.19) e deixaram suas marcas em outros

elementos da vida material e cultural do Brasil, “agricultura, culinária, religião, língua, música, artes, arquitetura. (LEITE, 2017, p.65)

A escravidão negra foi implantada no Século XVII e isso ficou ainda mais forte a partir de 1700, sobretudo porque o tráfico negreiro ficou ainda mais agressivo. Esta prática virou uma das mais lucrativas atividades para os Portugueses das elites agrária e escravocrata no Brasil. No nosso país, o Brasil, a escravidão entrou em vigor nos primeiros anos de "descobrimento" e durou até o dia 13 de maio de 1888, quando a Lei 3.353, a Lei Áurea, libertou os escravos.

Ainda que tivessem passado a ser considerados cidadãos, os negros no Brasil viveram a invisibilidade, sem presença em instituições públicas e privadas, fora a cadeias e as periferias brasileiras.

Movimentos expressivos envolvendo grupos negros percorreram toda a história da escravidão no Brasil. Até a abolição da escravatura, em 1888, esses movimentos eram quase sempre clandestinos e de caráter radical, considerando que a libertação dos negros escravizados era seu principal objetivo. Como os escravos eram considerados propriedade privada, fugas e insurreições, além de causarem prejuízos econômicos, ameaçavam a ordem vigente e tornavam-se motivos de violenta repressão, não somente por parte dos proprietários de escravos, mas do próprio Estado. Mas, a resistência sobreviveu apesar da repressão, e não desapareceu com a abolição. Pois, com a extinção da instituição escravocrata, impõe-se aos ex-escravos a necessidade de lutar contra o preconceito racial e pelo reconhecimento de direitos relacionados à cidadania, durante séculos negados. (LEITE, 2017, p. 65)

A escravidão só acabou porque os próprios escravizados a conquistaram (LEITE, 2017) através das várias formas de resistência que eles utilizaram, principalmente ao se juntarem ao abolicionismo, que reunia pessoas livres que não queriam mais a escravidão e todo o sistema econômico a que ela estava ligada. Porém, isso não foi a conquista total de direitos dos escravizados, pois, quando libertos eles tiveram ainda mais lutas para travar pelos seus direitos de cidadãos, tendo que vencer preconceitos como o de que negros eram preguiçosos, sem inteligência e bárbaros.

O racismo era muito presente, entretanto os africanos fizeram muitas contribuições para a sociedade brasileira; desde a forma como organizavam as famílias, o simbolismo presente nas organizações familiares, até nas religiosidades, onde se vê até hoje o sincretismo religioso. Temos inserções de palavras oriundas de várias nações da África no português, como o lundu, a capoeira e outras manifestações culturais. (MATTOS, 2007)

Ainda que tivessem passado a ser considerados cidadãos, os negros no Brasil viveram a invisibilidade, sem presença em instituições públicas e privadas, fora às cadeias e periferias brasileiras. E a razão da miscigenação brasileira tem muito a ver com essa prática escravista, pois muitas mulheres negras escravas, ou seja, propriedades de senhores de escravos eram obrigadas a se prostituir. Inclusive negras eram compradas para isso, o que trazia uma face do racismo em não entender as leituras raciais da sociedade. Leva muitos a não se verem como negros ou pardos, ou a tentar fazer apagamentos raciais na tentativa de sofrer menos discriminação.

Toda essa construção do país se deu em cima de uma grande desigualdade social, onde os negros e os integrantes dos povos originários se encontravam na base da pirâmide, entretanto é percebida uma mudança nos últimos anos.

Segundo Toledo (2018), de acordo com pesquisa feita pelo portal G1, é possível notar que, em dez anos cresceu no país o total de brasileiros que se autodeclararam pretos e pardos. Em seu livro ele diz que já éramos 212,7 milhões de brasileiros. Em dez anos, a população tinha aumentado 7,6%. Pelos números atualizados, pretos e pardos representam, na época da publicação do seu livro, 56% da população.

Na mesma obra, ele diz que o Brasil era o quarto país com maior desigualdade social da América Latina, segundo um relatório da ONU de 2015. (TOLEDO, 2018)

Já na questão urbana, o crescimento acelerado de muitas cidades do Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro, a capital imperial daquela época, vem das transformações que se observa desde a entrada do capitalismo no país, o começo da industrialização brasileira, que culminaram em migrações, isto é, as pessoas deixavam o campo para ir para as cidades.

No Rio de Janeiro, assim como na Europa, os primeiros interessados em esmiuçar a cena urbana e seus personagens populares voltaram sua atenção para o cortiço, considerado no século XIX como o *locus* da pobreza, espaço onde residiam alguns trabalhadores e se concentravam, em grande número, vadios e malandros, a chamada "classe perigosa". Caracterizado como verdadeiro "inferno social", o cortiço era tido como antro não apenas da vagabundagem e do crime, mas também das epidemias, constituindo uma ameaça às ordens moral e social. (VALLADARES, 2000, p.7)

No Brasil, a origem das favelas remonta ao período da abolição da escravatura, quando muitos que deixaram de ser escravizados, então libertos, passaram a ocupar as áreas mais afastadas das cidades, fruto da discriminação racial e também da realidade econômica em que viviam.

Contudo, a grande quantidade de pessoas pobres que aumentava no Rio de Janeiro durante o período da industrialização da cidade, demonstra que grande parte desses indivíduos não era composta por vagabundos e incapacitados para atividades laborais e sim de grandes grupos de trabalhadores, referenciando a pobreza como produto do desenvolvimento industrial na sociedade capitalista. (TOLEDO, 2018, p. 2)

No Brasil, por exemplo, a favelização ocorreu na esteira do crescimento das cidades e das indústrias, que atraíram muitos habitantes do campo para a cidade, processo chamado de êxodo rural. São consequências da favelização a deterioração ambiental e o aumento da violência. A desigualdade social é um dos fatores-chave no aumento do processo de favelização.

O Censo de 2010 do IBGE, levantou 763 favelas na cidade, que abrigam 22% da população da cidade do Rio de Janeiro. O que faz da capital fluminense o município brasileiro com o maior número de moradores em favelas: 1.393.314 habitantes. A região metropolitana reúne 1.702.073 pessoas morando em favelas, o que corresponde a 14,4% da população da região.

De acordo com o IBGE (2011), o Censo do ano de 2010 identificou a população total do estado do Rio de Janeiro

com 15.989.929 habitantes, sendo que 12,6% moravam em favelas, totalizando o número de 2.023.744 habitantes. Considerando outras grandes cidades brasileiras, no município do Rio de Janeiro é onde ocorrem os maiores crescimentos populacionais de parcelas moradoras de favelas, segundo o instituto. (TOLEDO, 2018, p. 9)

2.1. O apagamento e as perseguições às manifestações culturais do povo preto

Quando o Brasil era uma colônia, os negros saíam as ruas cantando e dançando entre as festas católicas, principalmente as procissões. Estavam presentes na festa de Natal e principalmente no Dia de Reis e foi daí que eles começaram a reivindicar seu papel na sociedade. Mas essas festas dos negros foram deslocadas para o carnaval segundo a própria igreja porque as autoridades da época promoveram a carnavalização das festas destes negros para que elas fossem separadas do calendário católico. Por exemplo, os ranchos de reis da Bahia viraram ranchos carnavalescos, pois assim estariam longe das comemorações de Natal da igreja católica. (LOPES, 2021, p. 247)

Os cucumbis são a primeira manifestação negra na origem do carnaval do Rio de Janeiro. Eles eram uma espécie de dança com teatro na Bahia e cucumbi era o nome da reunião de negros de várias tribos organizados em ranchos para cantar e dançar principalmente no Natal, porém nas outras províncias eles eram chamados de congos. Mas qual é a importância de falar sobre os cucumbis?

Exatamente porque deles vieram os cordões, que eram mais abrazeirados do que os africanizados. Dos cortejos de carnaval que nasceram da Bahia e passaram a outros lugares do país, como no Rio de Janeiro onde os ranchos de reis se transformaram em ranchos carnavalescos que sobreviveram até 1990. Segundo Lopes (2021), desses ranchos carnavalescos surgiram ranchos-escolas vindas de morros e subúrbios que viraram as escolas de samba. Elas se caracterizavam pela presença da família, das comunidades e dos artistas regionais. Esses sambas urbanos ganharam as ruas e terreiros de comunidades

negras sendo acolhidos pela indústria para se transformarem em grandes sucessos através do rádio e do disco. Mas por muito tempo o samba na indústria musical foi separado da parte de dança que ficava presente durante os desfiles, quadras das escolas de samba ou salão de bairro.

A palavra “samba” pode ter origem banto e designava danças de origem africana do Brasil colônia e do Brasil império. (Lopes, 207, p. 247) Também existe registro da palavra samba na língua Quioco de Angola que significava se divertir como cabrito ou brincar. Ela também aparece em outros idiomas africanos com significado de dança onde um bate contra o peito do outro ou se referindo ao movimento de separação produzido na umbigada, que é uma das principais danças dos bantos. Mas precisamos prestar atenção porque na origem da palavra em quimbundo também existe a possibilidade de ser um galanteio ou uma reverência e talvez seja daí que venha o cumprimento e galanteio do cavalheiro diante da dama na dança angolana chamada semba.

Porém, nas danças de roda banto – brasileiras os movimentos mais frequentes eram da umbigada, por isso muitos estudiosos preferem estudar a etimologia da palavra a partir do contexto de separar e não de reverenciar. Embora o preferido pareça ser a descrição do vocábulo semba vindo do quimbundo que é encantar ou agradecer. O termo samba já era usado em jornais do Recife e Ceará assim como próximo ao Rio da Prata ela queria se referir ao candomblé, uma dança que também existia no Brasil.

Várias danças foram caracterizadas ao longo da história como cateretê que era uma dança como umbigada, quimbete, a xiba, o caxambu que era uma variante do jongo, o coco de Alagoas com sua variante toré da Paraíba, o tambor de crioula e o lundu.

Lopes (2021) diz que, na parte rural do país, Mário de Andrade registrou que o samba se referia tanto ao lugar quanto à dança e também ao grupo que dançava. Em 1933 ele usa samba e batuque como significados diferenciados.

No Rio de Janeiro o partido-alto é o samba mais tradicional na região metropolitana, que geralmente tinha improvisos, uma parte cantada sozinha e outra em coro (Lopes, 2021). Segundo alguns estudiosos este tipo de samba era uma transição entre o samba rural e o samba urbano no começo do Século XX. E a parte chamada alto era considerada algo de elite.

Entre os Séculos XVI e XIX mais de 5 milhões de pessoas foram trazidas da África para o Brasil através de navios negreiros, isto é, o tráfico atlântico de escravos. Os estudiosos analisaram os dados e descobriram que metade dessas pessoas trazidas para o Brasil e Américas era vinda de Cabinda, Luanda e Benguela. Heitor dos Prazeres dizia que “a praça onze era uma África em miniatura”, e esta parte da cidade era onde a comunidade baiana do Rio de Janeiro se localizava a partir dos anos 1870 indo até a praça Mauá, englobando Cidade Nova, Santana, Santo cristo, Saúde e Gamboa e foi onde nasceu o samba urbano.

Na Praça XI, que ficava próxima a Rua do Santana, eram exibidos nos anos 1930 e 1940 escolas de samba e ranchos carnavalescos, era um local de encontro e fraternização dos sambistas descidos dos morros do Rio de Janeiro e também dos que vinham do subúrbio. Eram um símbolo da afro brasilidade ainda que hoje em dia já não exista fisicamente, no lugar dela foi erguida o monumento a Zumbi dos Palmares e próximo a ela está o sambódromo. (Lopes, 2021)

Várias manifestações da cultura afro-brasileira eram reprimidas por policiais, principalmente o samba. Então o samba das escolas precisava de um registro policial para que as escolas funcionassem com a aprovação do roteiro, passeatas e desfiles, aprovação para carregar um instrumento fora do espaço de exibição etc. Inclusive na década de 1950 foi proibido que as baterias fossem feitas de materiais improvisados como frigideiras, agogôs etc.

De fato, muitos sambistas foram reprimidos assim como acusados de vadiagem ou eram detidos e sofriam violência sem motivo aparente. O samba era visto como algo que causava violência e conflitos. Também sabemos que as rodas de samba foram proibidas na Penha por vários anos e as festas do Bomfim também já tinham sido proibidas no final dos anos 1800. Sambas que exaltassem a malandragem na década de 1930 foram censurados.

Florescida no contexto da opressão escravista e desenvolvendo-se em condições absolutamente adversas, a história do samba pode ser vista como uma sucessão de episódios de resistência. Assim, vemos em Sodré (1979:13) o samba indicado como um “aspecto da cultura negra – continuum africano no Brasil e modo brasileiro de resistência cultural” que “encontrou em seu próprio

sistema recursos de afirmação da identidade negra”. (LOPES, 2021, p.242)

O samba foi usado pelo governo da república como veículo político e as escolas de samba acabaram trocando seus instrumentos de percussão tradicionais (cavaquinho, pandeiro, cuíca) por instrumentos de percussão marcial, isso é se adequando à escolarização militar daquela época. A banda de música do batalhão naval era muito popular assim como ensinar a história do país através dos feitos de guerra.

2.2. As cantoras negras no samba em destaque na região metropolitana

Quando o samba ainda não era um gênero definido de música, J. R. Tinhorão disse que samba era qualquer refrão ou coro que tivesse um som africano. Eles foram feitos em fazendas do sudeste, parte do nordeste e na Bahia até que Ernesto dos Santos (Donga) registrou a sua música “Pelo telefone” como samba carnavalesco em 1916.

Nas primeiras décadas do Século XX, o samba foi ganhando mais identidade, ritmo próprio e letra. Na década de 1930 tinha um potencial de motivar pessoas a ponto de ser usado como trilhas sonoras pelo governo, voltadas para ações de cidadania, mas nessa época o Brasil ainda vivia o branqueamento da população nacional, como o eugenismo e as imigrações europeias, por isso tudo que era mais próximo da África era visto como folclórico. (Lopes, 2021)

Porém, o samba era praticamente a única forma das massas se expressarem além do racismo pois o samba carioca nasceu para comunicar os anseios de uma classe e essa classe lutava por direitos na revolução de 1930, mas o samba sempre foi objeto de questionamento e subestimação. Segundo Lopes (2021), as multinacionais dominando a opinião pública e controlando a comunicação de massa, Darci Ribeiro já dizia que isso contribuiu para uma descaracterização da nossa cultura fazendo com que, muitos brasileiros influentes desprezasse o país e a consciência nacional se tornando os novos colonizadores do Brasil.

Porém, o samba sempre resistiu a essa “ditadura da música única”, como Lopes (2021) dizia que Eduardo Galeano comentava, porque surpreende por sua força em assimilar valores de outras origens, e transformá-los sem perder a identidade. O samba é resistência.

Na década de 1960, Clementina de Jesus foi o elo entre a ancestralidade africana e o samba urbano, ela cantava jongos, sambas rurais e cânticos rituais de maneira moderna. Depois dela o grande Vinicius de Moraes junto com Baden Powell mais tarde conhecidos pela bossa nova, fizeram parte do estilo afrosamba que junta a música popular brasileira com a religiosidade africana. Nesse contexto também está a cantora Clara Nunes.

Miltinho e Elza Soares – Em plena efervescência do samba-jazz, ao lado de outros estilos de interpretação do samba, o ano de 1960 marca a estreia em LP dos cantores Elza Soares e Miltinho. Ele, vocalista e pandeirista tarimbado em conjuntos vocais e crooner de orquestras e conjuntos de boate desde os anos 1940, absolutamente familiarizado com a linguagem do samba, lançava, no LP *Um novo astro*, um repertório sambístico quase que totalmente inédito. Ela, ex-favelada do subúrbio carioca, estreava com *Se acaso você chegasse*, acompanhada por grande e vibrante orquestra. No ano seguinte, Elza lançou o histórico *A bossa negra*, com um repertório no qual se destacavam sambas analógicos como “Tenha pena de mim”, “Beija-me”, “Só vendo que beleza (Marambaia) e “Cadeira vazia”. (LOPES, 2021, p.43)

Quando falamos de samba isso envolve as escolas de samba e outros lugares onde essa manifestação artística acontece e em todas elas, a presença feminina é essencial porque é um reflexo da história da mulher no Brasil, principalmente é um retrato da vivência das mulheres negras do país. Nas escolas de samba elas eram decisivas em muitos aspectos porque eram parte essencial de coreografia, suporte ao canto, evolução e harmonia da apresentação. Vale lembrar que até mais ou menos 1970 dançar nos terreiros, isto é, quadras de samba era privilégio e obrigação das mulheres. Elas também se faziam presentes enquanto ritmistas e compositoras de músicas, como

Dagmar da Portela e Amélia Pires da Unidos da Tijuca.

Podemos ressaltar Carmelita Brasil que foi a fundadora da Unidos da Ponte de São João de Meriti que também criou e desenvolveu vários dos temas da sua escola entre 1950 e 1960. Isto quer dizer que ela foi a primeira mulher que estava à frente de uma escola de samba do Rio de Janeiro. Depois dela vieram à frente de outras escolas: Terezinha Monte, Neide Coimbra, Vera Lúcia Corrêa e Regina Celí.

Dona Ivone Lara assinou junto com seus colegas o primeiro samba enredo do Império Serrano, já Carmem Silvana na década de 60 foi a primeira mulher puxadora de samba da história. A ela se seguiram Surica da Portela, Marlene, Elza Soares, Clara Nunes e Simone. A primeira participação de uma mulher na gravação de um samba foi Izaltina que gravou em dupla com Baiano o samba carnavalesco *Quem vem atrás fecha a porta*. Outras intérpretes que devemos destacar são Maria Marzulo, Rosa Negra, Aracy Cortes, Carmem Miranda e Araci de Almeida, Marília Batista, entre outras.

3. Feminismo negro: a ressignificação da identidade

Ao deixar de lado aquilo que era importante para os brasileiros descendentes de africanos, tratando como superficial o que era importante para essa parte da população, que já vivia em uma luta de resistência pra poder exercer plenamente seus direitos de cidadãos.

Em 1984, escrevia o então deputado federal Abdias Nascimento:

A maneira perversa de o racismo brasileiro tornar invisível e inaudível uma população de cerca de 80 milhões de brasileiros é um fenômeno notável no mundo contemporâneo. Os interesses do povo afro-brasileiro são escamoteados em um passe de magia branca pelos meios de comunicação de massa, e a impressão superficial que se tem da sociedade brasileira é a de que, em matéria de convívio interétnico, o Brasil vive no melhor dos mundos.

E acrescentava que, excetuando-se alguns sambistas e jogadores de futebol, aos assuntos sérios enfrentados pela família negra não são concedidos quaisquer espaços para sua exposição ou debate. Meus pronunciamentos e projetos de lei que tratam desses problemas, consistentemente bloqueados pela muralha de silêncio, jamais têm a oportunidade de chegar até o público neles interessado. (Carneiro, Sueli, 2011, p.10)

Além disso, o Darwinismo científico trabalhou para que ideologicamente as pessoas brancas se sentissem superiores e também na cadeia de evolução. Era como se a ciência pudesse definir quem era superior naturalmente. E essa ideologia ajudou a ampliar a ideia de que os negros deviam ser tratados até mesmo pior do que já eram tratados, e a desigualdade social no Brasil cresceu ainda mais pois as pessoas se baseiam nessas ideias de racismo científico do século XIX.

O pensamento social brasileiro tem longa tradição no estudo da problemática racial e, no entanto, em quase toda a sua história, as perspectivas teóricas que o recortaram respondem, em grande parte, pela postergação do reconhecimento da persistência de práticas discriminatórias em nossa sociedade. Nadya Araujo Castro desenhou o percurso pelo qual passou o pensamento social brasileiro sobre as relações raciais, e percebeu que ele foi se transformando por meio das diferentes óticas pelas quais foi abordado, o que teve início no pessimismo quanto à configuração racial miscigenada da sociedade brasileira – corrente no fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, como atestam os pensadores Sílvio Romero, Paulo Prado, Nina Rodrigues, entre outros –, passando pela visão idílica sobre a natureza das relações raciais constituídas no período colonial e determinantes na predisposição racialmente democrática da sociedade brasileira, que tem em Gilberto Freyre sua expressão maior e mais duradora. (Carneiro, Sueli. 2011, p.16)

Tudo que era vindo do povo brasileiro era considerado subcultura porque a elite do Rio de Janeiro valorizava tudo que vinha da Europa, especialmente da França. O samba foi especialmente atingido pela higienização social, que proibia danças e crenças populares nas ruas; é daí que vem a ideia de que o samba é música de vadiagem e delinquentes.

Entretanto, na pequena África as mulheres que faziam de suas casas lugar de proteção e resistência cantavam em rodas de samba. Muitas eram chamadas de tias e são pessoas fundamentais para o samba.

Na casa de Tia Ciata foi composto o primeiro samba registrado na história e muitos cantores e compositores importantes eram recebidos por ela como Villa Lobos e Pixinguinha. Ela usava da sua articulação política, prestígio e credibilidade para lutar contra a criminalização. Tia Ciata como outras tias da diáspora baiana vieram para o Rio de Janeiro e aqui vendiam seus quitutes e foram eternizadas como símbolos matriarcais do samba ela é matriarca do samba brasileiro e símbolo do feminismo negro no país.

Nasceu em Valença, era neta de escravos, tinha herança africana, mas formação cristã, trabalhou como empregada doméstica a maior parte da sua

vida, ela foi a primeira mulher a se destacar publicamente cantando samba, suas letras sempre falavam sobre o preconceito e o machismo.

Nenhuma intervenção mudou mais a cara do feminismo norte americano do que a exigência de que pensadoras feministas reconhecessem a realidade de raça e racismo. Todas as mulheres desta nação sabem que seu status é diferente do de mulheres negras -não brancas. (...) Todas as mulheres brancas desta nação sabem que branquitude é uma categoria privilegiada. (HOOKS, 2018 p.89)

Em seu livro *O feminismo é para todo mundo*, bell hooks traça um panorama de como a falta de comprometimento com as lutas raciais prejudicaram inclusive o movimento feminista do seu país, porque assim que as mulheres brancas foram confrontadas com os homens brancos no poder e o direito de alcançar patamares antes inalcançáveis mais uma vez vemos que as questões raciais ficam de lado.

Ela cita uma sororidade utópica nos movimentos feministas porque não encaram com seriedade a luta antirracista. Pela primeira vez as mulheres negras-não brancas estavam ouvindo outras mulheres falando sobre opressão do machismo e se sentiam parte desse movimento na luta contra o sexismo, mas essas mesmas mulheres brancas acabaram relutantes em apresentar suas questões em relação a raça. O que levou a uma geração mais jovem de mulheres negras-não brancas a desafiar o racismo branco no final do ano de 1970. Foi nessa época que a autora, sendo a única negra nas aulas de feminismo na faculdade começou a conectar raça e gênero na teoria e começou a expor como o preconceito racial limitava o pensamento feminista. Nessa época também bell hooks e outras mulheres que denunciavam o mesmo que ela, foram acusadas de traidoras e desviaram o foco do gênero pois exigiam que se tivesse uma compreensão realística de uma política feminista que incluísse a luta antirracista.

Felizmente elas conseguiram começar um movimento que não tinha como foco apenas o interesse das mulheres brancas privilegiadas, mas de todas as mulheres. A autora ainda cita que viu muitas pensadoras feministas brancas não

darem o braço a torcer em abrir mão da supremacia branca e também viu muita delas se libertarem dessa negação da supremacia branca ela também enfatiza que até hoje muitas mulheres brancas não conseguem colocar isso em prática, isto é deixar de segregarem racialmente o movimento feminista pois as pessoas socializavam dentro de seus próprios grupos, ou seja, o racismo e o sexismo acabavam se combinando em vários grupos, e isso criava ainda mais dificuldades para as mulheres.

No fim dos anos 1960 e no início dos 1970, mulheres eram com frequência incentivadas a entender que liberdade sexual e promiscuidade sexual eram sinônimos. (HOOKS, 2018 pág. 129)

Isso nos dá uma visão de que no Brasil as coisas não eram tão diferentes pois temos relatos de como as mulheres negras e não brancas se sentiam confiantes e integradas nas rodas de samba e ocupam até hoje posições de destaque e influência nestes ambientes. Afinal:

(...) a conscientização feminista revolucionária enfatizou a importância de aprender sobre o patriarcado como sistema de dominação, como institucionalizou e como é disseminado e mantido. Compreender a maneira como a dominação masculina e sexismo eram expressos no dia a dia conscientizou mulheres sobre como éramos vitimizadas, exploradas e, em piores cenários, oprimidas (HOOKS, 2018, p. 25 e 26)

Isso quer dizer que até hoje as estruturas machistas atuam no mundo oprimindo as mulheres.

O feminismo é um movimento político em sua base e no decorrer do tempo ele se apresentou de formas diferentes, mas sempre mostrando a condição histórica da mulher “no século passado, o conceito de “emancipacionismo” buscava a igualdade de direitos, mantida na esfera dos valores masculinos, implicitamente reconhecidos e aceitos. Hoje, o feminismo

formula o conceito de libertação que prescindia da “igualdade” para afirmar a diferença – compreendida como não desigualdade ou complementaridade, mais como a ascensão histórica da própria identidade feminina. (TELES, 1993. p. 27)

No Brasil desde o final do império com o movimento abolicionista veio com força o movimento feminista. O Rio de Janeiro teve algumas jornalistas mulheres, podemos perceber isso pela publicação do livro traduzido por Nísia Floresta Brasileira Augusta, uma das primeiras feministas do Brasil, chamado “Direito das mulheres e injustiça dos homens” em 1852. Nessa época temos a primeira romancista brasileira Maria Firmina dos Reis que é considerada a autora do primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher.

Sabemos que durante a República o povo negro ficou cada vez mais marginalizado sendo usado como mão de obra barata e pegando os piores serviços e as remunerações mais baixas. Isso ajudou a propagar a ideia do negro como desocupado, vagabundo e que só gosta de pinga e samba e quando as mulheres negras conseguiam uma remuneração garantiam a sobrevivência da família. "A mulher operaria, duplamente explorada por trabalhar na fábrica e no lar, tinha sempre os salários mais baixos e a jornada de trabalho maiores" (TELES, 1993. p. 28).

No Século XIX apareceram jornais editados por mulheres. E é claro que eles eram utilizados para espalhar notícias e ideias sobre as potencialidades femininas e as feministas não deixaram de participar deste movimento nesses jornais se falava sobre a vida cotidiana tanto das cidades em crescimento quanto das cidades rurais e falavam sobre diversos aspectos da vida como os direitos das mulheres, maternidade, moda, teatro, escrita de contos e poesias, saúde etc.

Josefina Alvares de Azevedo defendia o divórcio nas páginas dos jornais que ela trabalhava, assim como a família chefiada pela mulher e não pelo homem. Ela também defendia o direito das mulheres à educação e dizia claramente aos homens que deixassem de ser egoístas e parassem de fazer da mulher sua escrava. Já no fim dos anos 1800 a poetisa Prisciliana Duarte de Almeida lançou uma revista chamada *A mensageira* em que ela defendia o

exemplo da creche criada em Paris para ser implantada no Brasil assim como a importância de a mulher ter acesso ao voto. (TELES, 1993. p. 28)

Nas primeiras décadas de anos 1900 se intensificou a luta em prol do direito da mulher ao voto. Houve manifestos para diminuir a jornada de trabalho, congresso para regulamentar o trabalho feminino, greves, passeatas, grupos de estudos, políticos das mulheres e o surgimento da federação brasileira pelo progresso feminino que tinha como objetivo de elevar o nível da educação feminina, brigar pela legislação do trabalho da mulher, assegurar os seus direitos e defender a infância.

Uma luta que necessitamos destacar, que ajudou a mudar o olhar sobre o papel das mulheres nos anos 1920 no Brasil e que se destacou é a de Albertina, uma das vivandeiras mais bonitas da época. As vivandeiras não eram intelectuais e nem trabalhavam nas fábricas. Elas marchavam no interior do país seguindo a cavalo os homens da Coluna Prestes. Apesar de fazerem serviços de enfermagem, cozinhar e recolherem informações junto aos moradores elas eram alvo dos comandantes que achavam que elas indisciplinavam os soldados, mas Albertina foi degolada porque não se rendeu aos soldados inimigos enquanto cuidava do tenente Agenor Pereira de Souza que tinha ficado doente de tuberculose e ferido. Elas eram um símbolo de resistência de que as mulheres poderiam, sim, trabalhar e cooperar com as forças armadas, serem enfermeiras, algo que era negado à mulher naquele tempo.

O voto da mulher só se concretizou no Brasil em 1934, quando foi incorporado à constituição brasileira de 1934 e teve Carlota Pereira de Queiroz que foi a primeira constituinte do Brasil.

Durante a Segunda Guerra as mulheres continuaram presentes a favor da democracia e com o fim da guerra elas não foram incluídas na constituição de 1946, mas estas condenavam o preconceito racial. Também houve grande discussão sobre a indissolubilidade do casamento monogâmico para que o divórcio não pudesse ter vez. Além disso, como os analfabetos não poderiam votar e muitas mulheres estavam nesse grupo, muitas delas foram proibidas de votar ou de serem eleitas. A luta pelos direitos da mulher do trabalho continuava árdua questões como autonomia aborto, sexualidade, métodos anticoncepcionais não eram mencionados pelo código civil.

Em 1950, a proporção de trabalhadoras mulheres era de 13,5% em 1970 quase dobra esse número (20,8%), e seis anos mais tarde (1976) a porcentagem de mulheres economicamente ativas atinge 28,8%. Em 1985, chegou a quase 37%, ou seja, triplicou em apenas 15 anos. Apesar de ainda representar cerca da metade dos homens inseridos no mercado de trabalho, o crescimento relativo das trabalhadoras foi muito superior ao do sexo oposto. Mas as empresas até hoje não oferecem os equipamentos sociais necessários para que as mulheres possam se desvincular-se das tarefas domésticas. São obrigadas a assumir a dupla jornada de trabalho, em casa e fora. Conciliar o papel de trabalhadoras fora de casa com a maternidade torna-se um verdadeiro malabarismo. Para começar, o empresariado não admite a mulher grávida. Se engravida já trabalhando, ou é demitida quando tiver o filho ou não terá onde deixá-lo. (TELES,1993, p.74)

Em um clube de mães as mulheres começaram a questionar sobre a falta de liberdade. “– Mas que liberdade a mulher tem que ter?” perguntou uma delas. E a que começou o assunto foi logo dizendo: “-- Não é a liberdade de ser igual a esse homem que anda pelos bares, bebendo e mexendo com todo rabo de saia que vê pela frente. Nós queremos uma liberdade diferente, uma liberdade que a gente possa viver sem preconceito de ser mulher.” (TELES,1993, p.72) É possível notar com essa discussão que elas estavam querendo dizer sobre a identidade feminina, sobre preservação das diferenças sem sermos discriminadas.

Em 1975 o avanço das ideias feministas foi muito grande mesmo com a ditadura militar, com o apoio da ONU à mulher brasileira, com a ‘instituição do ano internacional da mulher’ esta começou a ser protagonista em várias questões da luta pelos seus direitos. Então elas criaram um feminismo associado aos interesses da população em geral, principalmente a trabalhadora e é neste ano que elas começam a exigir mais veementemente seus direitos iguais e a não submissão da mulher ao homem, quando o povo começa a entender esses

questionamentos.

A pessoa achar que não existe racismo no Brasil não muda o fato de que, em 2013, negros ganharam 54,7% do salário de brancos, segundo pesquisa do IBGE. Não muda o fato de que o assassinato de jovens negros é 2,5 vezes maior do que de jovens brancos, segundo o mapa da violência de 2012. Ou de a maioria da população negra ser pobre por conta do legado da escravidão. De as mulheres negras ainda serem a maioria das empregadas domésticas de estarem na pirâmide social. (RIBEIRO, 2018, p. 32)

Muitas décadas se passaram e a posição do negro na sociedade brasileira segue na base da pirâmide social, ele ainda sofre com descaso do governo, menores salários e as mulheres ainda como maioria de empregadas domésticas e discriminadas.

Djamila Ribeiro pontua em suas falas de que o feminismo negro não pode ser somente identitário segundo ela, eles são “projetos democráticos” (RIBEIRO, 2018, p. 4). A autora relata os incômodos de ser uma criança negra em meio a um local em que não a acolhia e de se sentir inadequada. Ela fala sobre projeto democrático porque as crianças crescem ouvindo piadas sobre seus cabelos, cor de pele, sentindo racismo na pele e sentindo de ser como são, sem nenhuma referência validada pela sociedade além da escravidão dos negros.

Só então compreendi por que muitas vezes eu não me identificava com o feminismo dito universal: porque as especificidades das mulheres negras não eram consideradas. Aquelas autoras tinham denunciado a invisibilidade das mulheres negras como sujeito do feminismo. (RIBEIRO, 2018, p. 15)

Nesse momento a autora cita bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Sueli Carneiro, Tony Morrison, Alice Walker, Grada Kilomba, que para ela mostravam o quanto o negro precisava usar uma máscara social como se existisse um projeto colonial de silenciar o negro e tirar a sua humanidade e também cita Chimamanda e os perigos da história única que fazem com que existam apenas um ponto de vista da sociedade branca sobre tudo, fazendo com que o negro

não possa ter o seu ponto de vista tido como relevante e válido.

As mulheres brancas e negras estão juntas na luta contra o sexismo, mas é fundamental questionar o patriarcado racista e isso é papel da mulher negra, quando a mulher se coloca como uma resistência militante e não como vítima. Também cita Conceição Evaristo que afirma o quanto a fala das mulheres negras é essencial para o feminismo negro e abrir os olhos para o mal que o racismo é:

(...) como no Brasil todos os documentos relacionados a escravidão foram queimados não temos como saber de onde viemos, da Nigéria ou de Guiné-Bissau. E, quando não se sabe de onde vem é mais fácil ir para onde a máscara diz que é o seu lugar. Conhecer minha história, a história dos meus antepassados, me possibilitou romper com a história única e identificar tudo aquilo de negativo que havia sido dito sobre pessoas como eu. (RIBEIRO, 2018, p. 18)

4. Revista como expressão gráfica

Cada um dos meios de comunicação e dos tipos de mídias e publicações são diferentes, possuem suas próprias características e seus objetivos. Dessa forma a revista impressa tem características únicas que iremos abordar neste tópico. A revista impressa fica entre o imediatismo do jornal diário e é um pouco mais perecível que o livro.

O design gráfico é essencial para essa publicação, pois organiza as informações de cada página utilizando a composição de elementos gráficos e sabemos que quando a mensagem está mais organizada a mensagem é mais facilmente compreendida. Com a tecnologia a revista se modernizou e passou a representar áreas mais específicas, como consequência dessa tecnologia e competitividade no campo editorial existem muitos títulos, e o desafio do design das revistas é conseguir se destacar para o público em meio a essa concorrência.

Entender e se conectar com o público-alvo através da criação de uma identidade visual pode definir a duração da publicação. A identidade visual conecta o design da página com os aspectos físicos, visuais e estratégicos, sendo a revista voltada para o mercado segmentado e um produto que provém conteúdo e notícias.

Dito isto, a revista é um produto de comunicação social porque ela tem como objetivo informar o público. E o que a torna diferente do livro e do jornal impresso? Para isso é essencial que a revista cativem a personalidade do público-alvo, ou seja, ela precisa entender e se conectar com os leitores. Isso faz com que seja muito importante que não apenas o conteúdo das destaque, mas todo o design gráfico seja pensado para esses leitores. Criando uma marca forte a revista é muito eficaz para o espaço de propaganda com a venda de seus exemplares.

5. O Projeto

5.1 Escolha do projeto

A escolha partiu de um interesse pessoal, pois sendo uma mulher negra e periférica, acredito ser importante trazer para a Universidade temas relevantes como o feminismo negro e a cultura negra na minha cidade natal.

Aliando isso ao design, o projeto visa valorizar as mulheres negras cantoras de samba, como uma revista que nos ajude a entender o contexto em que elas estão inseridas não apenas no momento presente, mas de forma ancestral, entendendo quem veio antes e a importância de seus legados para o combate ao racismo e a inclusão do debate social do feminismo negro.

5.2 Escolha de fotos e montagem de editorial de revista

Por não ser viável durante o projeto visitar rodas de samba o suficiente para captar fotos de qualidade a serem usáveis, busquei na internet em bancos de imagens, fotos que pudessem retratar as cantoras negras do samba carioca.

O editorial da revista foi pensado em refletir a pesquisa realizada sobre as cantoras negras, aliado às questões do feminismo negro e da cultura de resistência do samba carioca.

5.3 Definição da proposta

Na maioria das vezes um samba é composto majoritariamente por homens, tanto como telespectador, quanto os cantores. Porém, ao pesquisar sobre a importância do samba para a construção de uma identidade cultural negra na metrópole do Rio de Janeiro, podemos perceber o quanto as mulheres são importantes e presentes nas rodas de samba.

Gostaríamos de mostrar como a roda de samba empodera as mulheres, juntamente com as cantoras negras em destaque na região metropolitana,

colocando em evidência como a cultura negra ganhou destaque nesse ambiente tão popularmente conhecido.

Também gostaríamos de enfatizar a importância do samba para a resistência do feminismo negro no Rio de Janeiro.

5.4 Pesquisa de referências

As referências que foram utilizadas foram pesquisadas previamente em livros relevantes sobre os temas mostrados durante a pesquisa. Por isso utilizamos autores importantes para demonstrar o quanto o feminismo negro é uma pauta que precisa estar sempre nas discussões da sociedade, como bell hooks e Djamila Ribeiro.

Utilizamos o Dicionário social do samba (2021) para entender melhor as raízes desse movimento cultural, periférico e local de resistência das mulheres negras da metrópole carioca.

Também utilizamos o Google acadêmico para localizar com mais rapidez os trabalhos dentro do tema Editorial de Revista e Feminismo Negro.

5.5 Definição de conteúdos

Falar sobre o feminismo negro é importante pois a luta das mulheres por equidade e respeito na sociedade data de séculos atrás e hoje em dia ainda é importante essa discussão que além de necessária é um direito das mulheres.

O feminismo e o samba acabam estando ligados por serem lugares onde mulheres buscam espaço e conquistas. Resolvemos fazer uma revista por ser um meio de comunicação em massa e de fácil distribuição onde pode ser levado a informação para muitas mulheres que são as maiores consumidoras desse produto.

5.6 Naming

O Naming foi pensado para refletir a nossa intenção de valorizar a cultura do samba e o feminismo negro na representação das mulheres negras cantoras que aparecem nesse trabalho.

Samba de Moça veio do nome de uma música com bastante audiência de Zeca Pagodinho, *Samba pras Moças* (1995), em que ele fala sobre uma companheira que vai para um samba e pergunta se aquele samba seria somente para as mulheres.

A roda de samba teve um papel fundamental para o encontro das mulheres negras em várias partes do país, principalmente no Rio de Janeiro. Auxilia até hoje no empoderamento e manutenção da identidade negra na região metropolitana do Rio, fazendo que elas deixassem de lado os preconceitos raciais e machistas dentro daquele espaço que as inclui como figuras essenciais para que o samba aconteça.

5.7 Criação de projeto gráfico da revista: fotografias escolhidas, tipografia, paleta de Cores

Neste projeto, as fotografias escolhidas formaram diversas colagens como forma de expressão artística, mostrando sua cultura e seus gostos pessoais.

Por exemplo, a capa traz as sambistas citadas para deixar bem claro qual é a pauta da revista. Isso vai preparar o leitor para as matérias encontradas dentro dela. A ideia continua das colagens permanecem para a próxima edição, combinando elementos visuais divertidos para compor a capa.

Figura 1: Capa da primeira edição

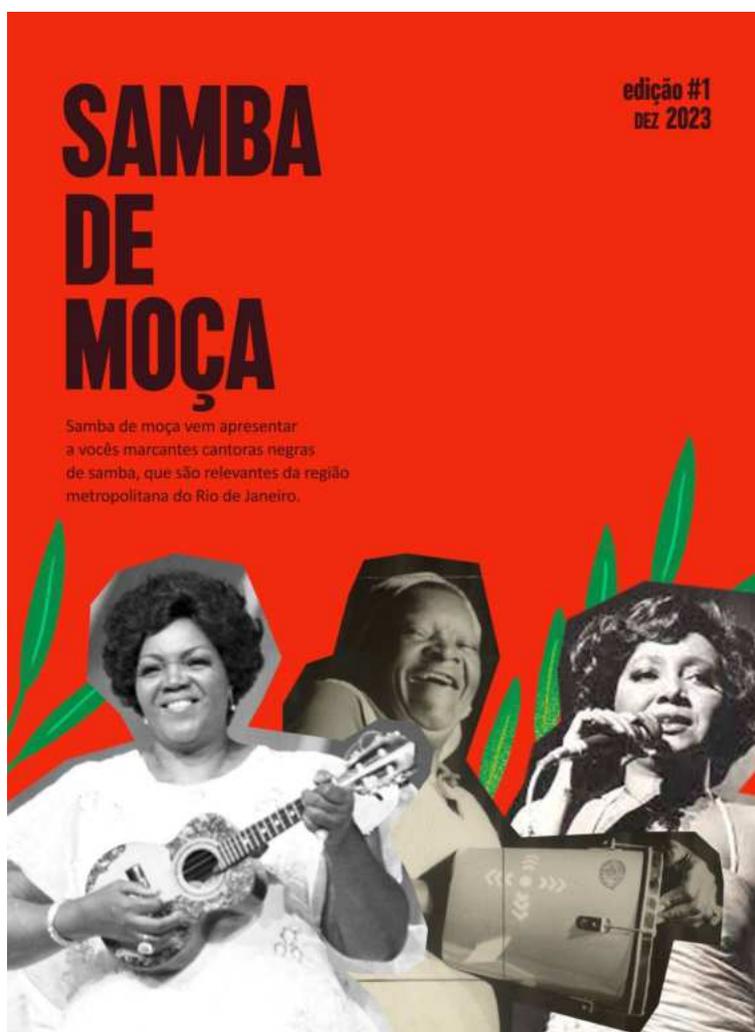
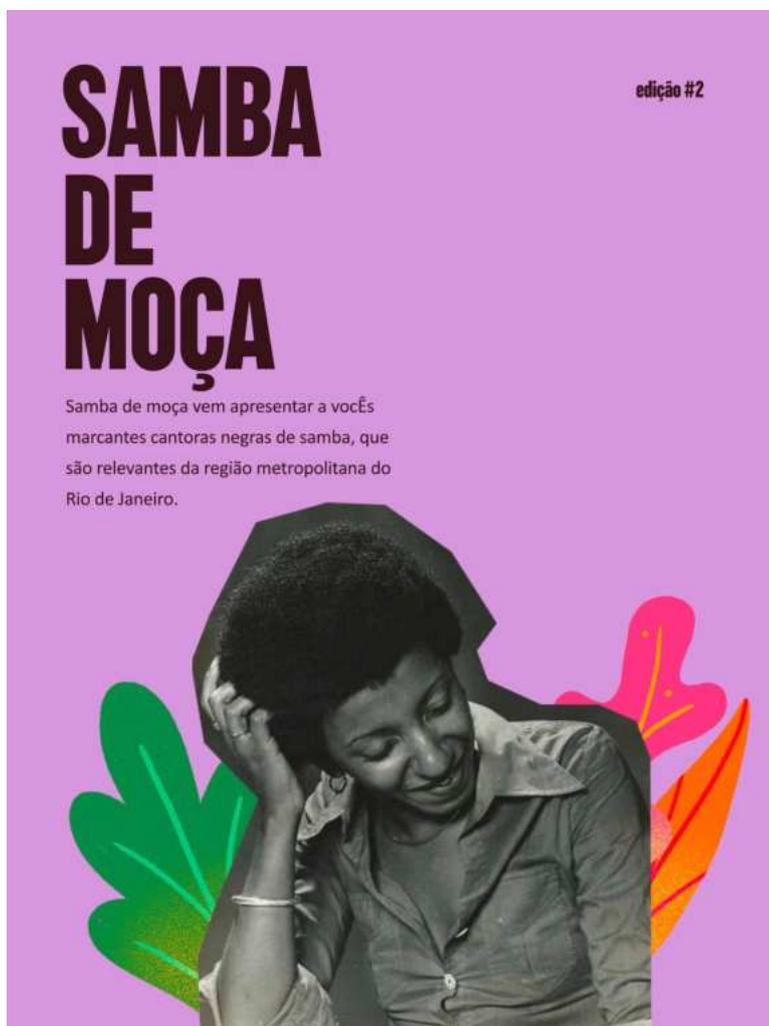
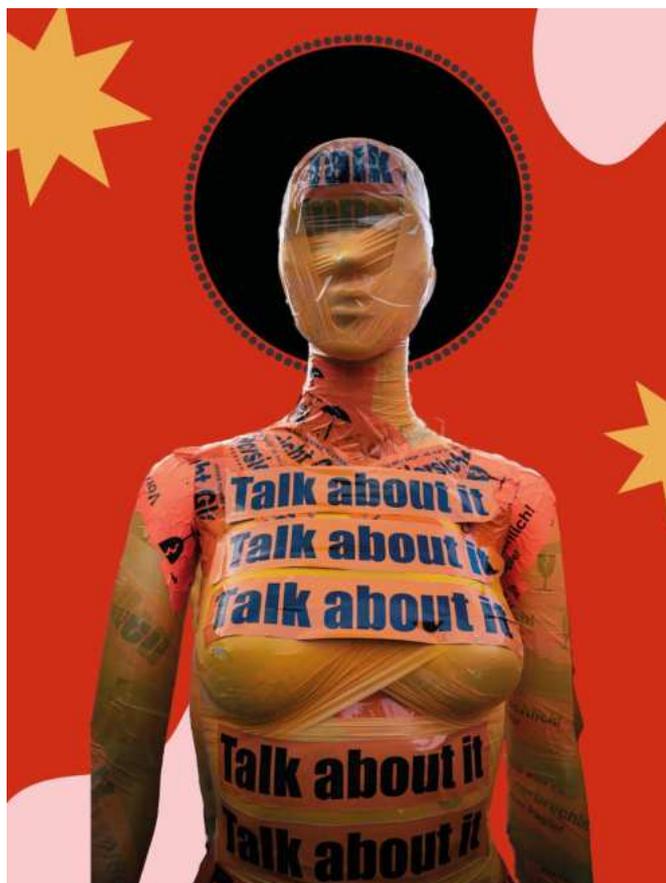


Figura 2: Capa da segunda edição



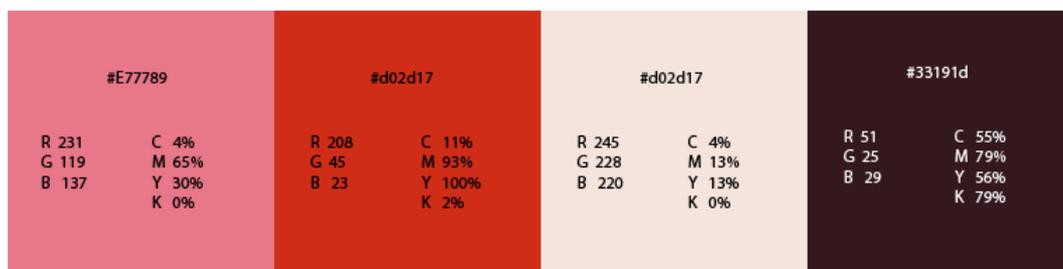
Depois, fizemos uma outras montagens, e uma delas é demonstrando a opressão das mulheres negras, que passaram a ter mais voz com o feminismo negro. As cores e as faixas representam esse silenciamento brutal da mulher negra.

Figura 3: Primeira colagem



Partimos para uma paleta de cor mais ampla tendo em vista algumas possibilidades para haver uma boa legibilidade e contraste com o fundo e texto. Por isso, acabamos optando pelo vermelho vibrante que traz um sentimento de força, mudança radical, tons de marrom e tons de cinzas das fotos que representam a pele, mas também harmonizam com o rosa claro que demonstra o feminino presente nas cantoras e na revista.

Figura 4: Paleta cromática



A tipografia sem serifas utilizada foi a Calibri, mais arredondadas para o corpo do texto, traz uma sensação de sofisticação, para mostrar a mudança de padrão, que era o opressor para um mais arrojado, convidativo e moderno. Por não ter serifa pudemos passar essa ideia do progresso que a proposta da revista quer passar. Modernizar nossas ideias antiquadas e extinguir preconceitos.

Figura 5: Tipografia auxiliar

Calibri
AaBbCc
AaBbCc
AaBbCc

Como fonte principal, utilizamos uma tipografia mais forte, imponente e com boa legibilidade. A Marsden Slim Heavy foi projetada para exibição, branding, publicidade, embalagem ou qualquer lugar onde seja necessária uma voz forte. Isso era essencial para passarmos a ideia da força do movimento das rodas de samba e do feminista negro.

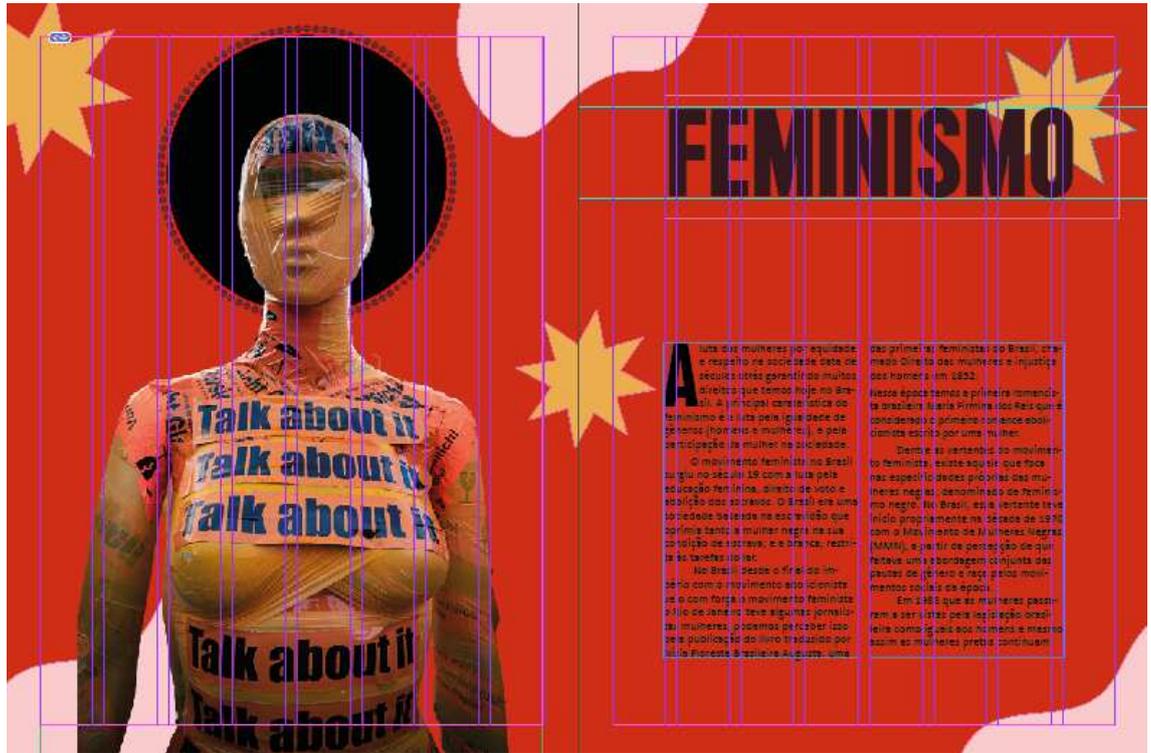
Figura 6: Tipografia principal

Marsden Slim Heavy
AaBbCc

Na Marsden Slim Heavy, as formas condensadas apresentam lados planos e curvas sutis, enquanto as formas mais largas apresentam lados arredondados e curvas abertas.

O grid da revista é composto por 8 colunas trazendo a ordem sistemática num layout, facilitando a organização e a navegação entre as páginas. Criando uma ordem e hierarquia para compor o layout da revista. A revista tem o formato de 210x148mm do tamanho de uma A5, para uma revista compacta e com estilo diferente das outras, também com encadernação estilo grampo para formato de poucas páginas.

Figura 7: Grid



Já as matérias, contam com montagens de cada cantora, destacando não apenas a alegria dessas mulheres que podem resistir com suas vozes, mas o feminino de cada uma delas, não objetificando, nem tornando-as rudes. É convidativo ao público para conhecê-las.

Figura 8: Segunda colagem



Figura 9: Terceira colagem



Figura 10: Quarta colagem



Assim a revista foi tomando forma, com as cores e montagens selecionadas, as matérias foram incluídas, assim como trechos de músicas interpretadas por cada cantora. E a revista demonstra a resistência das mulheres negras nas rodas de samba da região metropolitana do Rio de Janeiro, o fato de elas se sentirem acolhidas nesses espaços para terem voz e lutar por respeito, justiça e equidade.

Figura 11: Mockup da revista



Figura 12: Mockup da revista



Figura 13: Mockup da revista



Figura 16: Mockup da revista



oportunidades para sobreviver, agarrar em liberdade. Esta forte presença afro-brasileira tornou a música um retrato um espaço próprio para uma cultura afro-brasileira autônoma. Tudo que era vindo de fora brasileiro era considerado subalterno e apenas a elite da elite de Janeiro entendia tudo que vinha de Europa, sobretudo muito da França.

O samba foi especialmente atingido pela higienização social, que proibiu danças e crendices populares, mas não a dança que vinha de fora, o samba e música de violão e guitarra.

Entretanto, na linguagem das mulheres que faziam o samba, o lugar de origem e a ressignificação foram em todas as coisas. Muitas eram chamadas de lés e são pessoas fundamentais para o samba.



No caso de Tia Ciata foi composto o primeiro samba registrado na história e muitos outros e compositores importantes foram revelados por ela como *“Odeio a Bahia e Fingui-me”*. Ela usava da contribuição política, pedagógica e social para lutar contra a marginalização. Tia Ciata conseguiu que os ritmos brasileiros fossem conhecidos e foram ensinados fora do Brasil, mantendo o samba vivo e a música de samba brasileira e a cultura brasileira sempre viva.

Em 1917, o samba foi registrado em samba, logo depois muitos outros foram registrados no registro de samba, como *“Pelo Telefone”*, em 1917 por Donga, Mauro de Almeida e Sinhô e lançado como um gênero carnavalesco. Nesse período, o samba ainda não era aceito como um estilo musical pela sociedade, e a reprodução ainda existia sobre os sambistas.

Figura 17: Mockup da revista



Figura 18: Mockup da revista



6. Conclusão

Este trabalho se propôs a trazer o Design aplicado em Revista, com fotos e informações sobre cantoras importantes no cenário da roda de samba na região metropolitana do Rio de Janeiro. Junto a essa proposta, quisemos destacar o quão importante é entender o contexto em que elas estão inseridas, enquanto parte da resistência da luta do povo negro contra o racismo e, enquanto mulheres negras, a discriminação da mulher negra e a importância do samba e do feminismo negro como lugar de acolhida e ideologia e ações de afirmação da ancestralidade negra como positiva, mas envolta em dificuldades na sociedade brasileira.

As rodas de samba ajudaram, e seguem auxiliando, a expressão da cultura negra, amplificando as vozes dessas mulheres e artistas que nos mostram que há muito caminho a ser percorrido, porém há lugar para que elas falem e reflitam sobre suas histórias e vivências como mulheres negras na região metropolitana do Rio de Janeiro.

A revista criada, *Samba de moça*, demonstra como o design pode contribuir para mostrar essas lutas através de escolhas conscientes, que valorizam toda essa história de resistência e de empoderamento.

7. Referências

BARBOSA, Jorge Luiz. **Barracas e Favelas – uma reflexão crítica de Cidades Esquecidas**. 2009. Disponível em: <https://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Barracas-e-Favelas_Por-Jorge-Luiz-Barbosa.pdf> Acesso em: 29 de out. de 2023.

BARBOSA, Jorge Luiz. **Remover ou conter as Favelas? Eis uma falsa questão**. 2009. Disponível em: <https://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Remover-ou-conter-as-Favelas_Por-Jorge-Luiz-Barbosa.pdf> Acesso em 10 de nov. de 2023.

GARAEIS, Vítor Hugo. **A História da Escravidão Negra no Brasil**. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/?gclid=CjwKCAjw3POhBhBQEiwAqTCuBsZBxSUMQWMX_Xt7vyk-7PJw4dMonMEnN1pu3dsxceFKhRnAf62TTBoC5zQQAvD_BwE> Acesso em 19 de set. de 2023

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras**. Editora Rosa dos Ventos. 2018.

Jornal Nacional. Total de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas cresce no Brasil, diz IBGE. **Portal G1**. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>> Acesso em: 25 de set. de 2023.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. Tráfico atlântico, escravidão e resistência no Brasil. **Revista USP**. Pernambuco.2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/137196>> Acesso em 24 de abr. de 2023. Acesso em 19 de set. de 2023

LOPES, Nei. **Dicionário social do samba**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2021.

Observatório legislativo da intervenção federal. Na segurança pública do Rio de Janeiro. **Olerj**. Disponível em: <<http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/favelas-cariocas#:~:text=O%20Censo%20de%202010%2C%20IBGE,favelas%3A%201.393.314%20habitantes>> Acesso em: 25 de abr. de 2023.

PRUDENTE, Eunice. A escravização e racismo no Brasil, mazelas que ainda perduram. **Jornal USP**. 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/a-escravizacao-e-racismo-no-brasil-mazelas-que-ainda-perduram/>> Acesso em 19 de set. de 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. Companhia das Letras. 2018.

TELES, Maria Amelia de Almeida. **Breve história do feminismo no brasil e outros ensaios**. Alameda Casa Editorial. 2018.

TOLEDO, Bruna Brum de. **A formação das favelas na cidade do rio de janeiro: uma análise baseada na segregação populacional e exclusão social**. UFES. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22211>>

VALLADARES, Licia. **A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais**. 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/pfKy4Gf3jHtVr7XqxLQjRZR/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 27 de maio